

## Apresentação

A presença da Pegada no cenário do debate sobre os principais assuntos que compõem a temática do trabalho, felizmente ultrapassa as raias da Geografia e das Ciências Sociais. Cada vez mais, se amplia os interessados nos assuntos que temos privilegiado e publicado, nos horizontes acadêmico-universitários, e mais recentemente, no âmbito dos movimentos sociais, o que nos transmite uma forte sensação de missão cumprida.

Mas para cumprir a missão que a Pegada somente alcança de forma limitada, ou seja, centrar energias na crítica radical à sociedade do capital e contribuir para a construção de caminhos que fundamentem a ruptura com a civilização burguesa, reunimos nesse número alguns textos selecionados da **VIII Jornada do Trabalho**, realizada nos dias 29 e 30 de outubro de 2007, e que teve como tema “Modernidade e os Signos da Civilização da Barbárie para a Classe Trabalhadora”. Os textos que representam intervenções nas Mesas-de-Debates e que foram apresentados nas Seções de Comunicações, expressam o alto nível das discussões e dos debates que transcorreram.

A *ofensiva* às hostes da barbárie imanente à sociedade burguesa, que se faz presente nesse número da Pegada, nos põe a todos mais atentos à continuidade dos estudos e pesquisas, pois a emergência de tantos outros assuntos correlatos requererá dedicação redobrada.

Assim, a precisão de Ariovaldo Santos ao identificar a regressão do humano nas fileiras do processo civilizatório mais geral, e o papel que a ideologia de classe ocupa nesse cenário, e o tom ritmado pela caricatura da face e a máscara, Marildo Menegat enfatiza que a barbárie não é apenas um adjetivo para identificar a civilização burguesa, mas a própria substancialidade desta forma social. Da mesma forma que Antonio Thomaz Júnior, com base em pesquisas recentes explicita os expedientes da barbárie praticados historicamente pelos legítimos representantes do capital, que fazem da lavra nas lavouras de cana-de-açúcar o exemplo de regressividade sistêmica mais atual do tão depauperado mundo do trabalho.

Os significados da terceirização e a tentativa de oferecer ferramentas analíticas, além de revelar as pulsações de uma pesquisa de doutorado, também demarca um campo teórico no marxismo que não despreza a *concreticidade* dos fenômenos do nosso tempo.

É assim que Paula Marcelino põe em evidência, sob o fino trato da precisão de quem não vacila, suas preocupações teóricas.

De igual tamanho, pode-se enfatizar a rica contribuição de Jayro Gonçalves e Diego Vilanova Rodrigues, que centram suas inquietações na violência inerente ao Estado, fundamentada pois, sob o argumento de que sob sua guarda se ergue a expropriação do homem pelo homem, e toda sorte de prerrogativas que vincula à propriedade privada dos meios de produção.

Seja no campo seja na cidade a precarização do trabalho é objeto de preocupações de pesquisadores que estão sintonizados em compreender as contradições presentes na dinâmica territorial do trabalho. Carlos Ferrari, de sua parte, nos põe próximos da violência que atinge os trabalhadores envolvidos na luta pela terra e os sentidos que assume ao romper as fronteiras e ganhar sociabilidades e toponímias enquanto *brasiguaios*. Já, Altamira Pereira, expõe no horizonte as contradições que se fazem presentes nas formas

assemelhadas de trabalho escravo nas carvoarias do Mato Grosso do Sul, e seus estreitos vínculos espaciais com as modernas e tecnificadas siderurgias que movimentam seus fornos para a produção de aço para exportação. Nessa mesma linha, Luzimar França Jr. nos fornece preciosas reflexões sobre as formas precarizadas do trabalho no setor do comércio, diante das diferentes estratégias de concentração e internacionalização, consagradas no século XXI.

Já Terezinha Carvalhal, ao resgatar os efeitos da disseminação da forma domiciliar de reprodução do capital no setor de confecções, no sudoeste do Paraná, explicita a precarização do trabalho, especialmente de mulheres.

Mais uma vez, dos leitores e dos críticos esperamos e aguardamos os comentários e as críticas para avançarmos nessa estimulante caminhada.

***Os Editores***



Oficina de costura domiciliar “fundo de quintal”  
 Fonte: Ivanildo Dias Rodrigues, Dezembro 2007.

Faz parte da proposta da Revista Pegada chamar a atenção a algum tópico especial para ser apresentado no seu interior por meio de fotografia. Essas fotografias são inseridas nos textos de acordo com algum tema tratado, ou de forma aleatória e são de responsabilidade dos editores da revista.

Neste número da Revista Pegada destacamos as trabalhadoras informais que exercem a função de costureiras em oficinas domiciliares, popularmente conhecidas como empresas de “fundo de quintal”.

As trabalhadoras deste tipo de oficina são contratadas geralmente de forma precarizada, sem registro em carteira e com extensa jornada de trabalho, principalmente nas épocas em que as empresas que controlam a produção exigem destas oficinas um número maior de peças de roupas

prontas. Há exceções, com oficinas que comparecem como pequenas empresas possuindo razão social, ou que o proprietário exerce a atividade como trabalhador autônomo, mas, mesmo assim a característica de precariedade desta atividade prevalece e muitas vezes com a exploração do trabalho familiar. Este assunto é melhor trabalhado no último texto desta revista por Terezinha Brumatti Carvalhal.

As fotos presentes nesta Revista foram obtidas junto à proprietária de uma antiga oficina que pediu para não ter seu nome e o local divulgado.

As duas fotos acima, chamam a atenção para a organização do espaço interno da oficina, de forma que as dezenas de máquinas são dispostas muito próximas, formando um ambiente mal iluminado, apertado e insalubre.

Geografia e Trabalho no Século XXI.  
v. 2.

À venda pelo Email:

*revistapegada@gmail.com*

Ou pelo telefone (18) 3229-5388

Ramal: 5543. (18) 3229-5307.